

# *Introdução à Sociolinguística na sala de aula: contribuições do PIBID*

Helen Cristina da **SILVA\***

\*Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2016). Professora Adjunta II\_UNIPAMPA (Campus Bagé) - [helensilva@unipampa.edu.br](mailto:helensilva@unipampa.edu.br)

## **Resumo:**

Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa sociolinguística desenvolvida por 18 licenciandos do curso de Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, *campus* Bagé, durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O objetivo da pesquisa consistiu em identificar algumas características sociais e linguísticas dos estudantes, atendidos pelo Programa, para a posterior elaboração de atividades que, de fato, contribuíssem efetivamente com as aulas de língua portuguesa. A pesquisa foi realizada com 48 alunos do 1º ano Ensino Médio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFsul) com a aplicação de um questionário, por meio da plataforma *Google Forms*. Os resultados auxiliaram de forma significativa na consecução do projeto, pois permitiram uma intervenção alinhada às reais necessidades verificadas, com materiais e estratégias que oportunizaram a missão do ensino de língua portuguesa de ampliar a competência comunicativa dos alunos, levando em conta a variação linguística e o combate ao preconceito.

**Palavras-chave:** PIBID; Sociolinguística; Ensino de Língua Portuguesa.

# Introdução à Sociolinguística na sala de aula: contribuições do PIBID<sup>1</sup>

---

Helen Cristina da Silva

## INTRODUÇÃO

Ao fomentar financeiramente seus integrantes e incentivar a parceria entre instituições de ensino superior e escolas da educação básica, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) desempenha um papel crucial para e na educação brasileira, dado seu caráter abrangente que, de um lado, possibilita aos graduandos a integração da teoria com a prática, promovendo valores como a colaboração, o respeito e a responsabilidade bem como a oportunidade de conhecer, refletir e propor soluções para o fortalecimento de um ensino de qualidade, alinhado às reais necessidades dos alunos e do contexto no qual estão inseridos; de outro, possibilita a formação continuada dos professores envolvidos, haja vista que a atuação no programa exige, durante todo o percurso, a reciclagem e a atualização de conhecimentos.

No que tange, especificamente, ao ensino da língua portuguesa, o PIBID, por meio do subprojeto em questão, possibilita um trabalho centrado em uma concepção mais ampla da língua, cujo objetivo central reside em ampliar a competência comunicativa dos alunos, com base na adequação contextual, no domínio dos mais variados gêneros que circulam na sociedade, no conhecimento e no respeito da diversidade linguística, tendo em conta, sempre, a realidade multifacetada do Brasil, composta por um mosaico linguístico marcado por diferentes normas.

Isso posto, neste artigo apresentamos um recorte do trabalho desenvolvido pelo subprojeto do núcleo de língua portuguesa, composto por 18 licenciandos do curso de Licenciatura em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa (*campus* Bagé), sob a coordenação da profa. Hélen Cristina da Silva. São atendidos, atualmente, pelo programa a Escola Municipal Cívico Militar Dr. João Severiano da Fonseca e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFsul), a primeira numa turma de sétimo ano do Ensino Fundamental; a segunda, em turmas de 1º ano do Ensino Médio. Ao todo, o subprojeto trabalha com cerca de 80 estudantes da educação básica. No entanto, neste artigo, apresentamos e discutimos somente os trabalhos desenvolvidos no IFsul, dadas as limitações físicas e a temática pretendida.

Dentre os objetivos específicos delineados para o subprojeto estão: i) reconhecer a variação linguística como um fenômeno natural da língua que ocorre em função de fatores internos e externos, possibilitando, assim, o uso adequado tanto do código falado quanto do escrito; ii) conhecer e apropriar-se, de forma consciente e crítica, de estudos das áreas da Sociolinguística e da Dialetoлогия e iii) valorizar a pluralidade linguística que constitui o português brasileiro (PB), como forma de enriquecer o conhecimento da língua materna e combater o preconceito linguístico. Para tanto, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos dessas duas áreas, com foco especial na Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004).

Assim, buscamos desenvolver, durante o PIBID, estudos e práticas que, primeiramente, conduzissem os bolsistas a conhecer aspectos da sócio-história do PB e de sua variação nas mais diversas dimensões. Num segundo momento, os bolsistas desenvolveram uma pesquisa que serviu

---

<sup>1</sup> Revisado por: Valter Pereira Romano.

de respaldo para a compreensão da realidade sociolinguística – ou parte dela - dos alunos que seriam atendidos nas escolas, durante o período da intervenção em sala de aula. Dessa forma, foi possível elaborar e desenvolver atividades, de fato, relevantes e que atendessem às reais necessidades detectadas.

Vale ressaltar que não pretendemos tecer um relato exaustivo de todas as atividades desenvolvidas durante o programa, cuja vigência compreende o período de novembro de 2022 a abril de 2024, tampouco disporíamos de espaço físico para tanto. Dessa forma, o objetivo, nesta oportunidade, é o de apresentar e discutir sobre alguns resultados frutos dos estudos e, sobretudo, da pesquisa supracitada. A fim de otimizar a discussão proposta, este artigo traz, num primeiro momento, dados sobre a cidade e a instituição atendida pelo programa. Em seguida, apresentamos a fundamentação teórica entrelaçada à metodologia adotada. Na sequência, tratamos do recorte dos dados e de sua análise, apresentando alguns de seus desdobramentos na prática dos bolsistas, em sala de aula, e, por fim, tecemos as considerações finais.

## **Perfil da cidade e das escolas atendidas pelo subprojeto de língua portuguesa**

Bagé<sup>2</sup> localiza-se ao sul do estado do Rio Grande do Sul, na Mesorregião Sudoeste e Microrregião da Campanha Meridional, estabelecendo seus limites geográficos, ao norte, com os municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul; ao sul, com o município de Aceguá e a República Oriental do Uruguai; ao Leste, com os municípios de Hulha Negra e Candiota e, ao Oeste, com os municípios de Dom Pedrito e a República Oriental do Uruguai. Criado em 05/06/1846, pela Lei nº. 65/1846, possui uma área de 4.090,360 km<sup>2</sup>, densidade demográfica de 28,43 hab/km<sup>2</sup> e população total de 117.938 habitantes (IBGE – Censo 2022), sendo 83,70% caracterizados como população urbana (IBGE – Censo 2010). O PIB per capita é de R\$ 30.846,53 e suas principais atividades econômicas giram em torno do setor da agricultura e da pecuária.

O Município é sede da 13<sup>a</sup> Coordenadoria Regional de Educação (CRE), que gerencia o sistema estadual e supervisiona o sistema particular de ensino e aprendizagem de Bagé e região. No caso de Bagé, estão sob jurisdição da 13<sup>a</sup> Coordenadoria Regional de Educação 22 escolas, sendo 21 Estaduais e uma Federal. Na última avaliação do IDEB (Índice da Educação Básica), em 2021, as escolas da rede estadual de Bagé obtiveram a seguinte pontuação: anos iniciais do ensino fundamental (5,4); anos finais (4,6), cujas metas eram, respectivamente, 5,7 e 5,4.

A Rede Municipal de Ensino, composta por 61 escolas, é coordenada pela Secretaria Municipal de Educação de Bagé (SMED). Em 2019, o IDEB alcançado nos anos iniciais foi de 5,7, atingindo a meta estabelecida (5,5). Já nos anos finais, a meta projetada (5,3) não foi atingida, ficando em 4,5. No âmbito do Ensino Superior, Bagé conta com quatro: duas de caráter privado e duas públicas. Dentre elas, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), fundada em 11 de janeiro 2008 (Lei 11.640), é resultado da reivindicação da comunidade da região e fruto da política de expansão e renovação das instituições federais de educação superior, com o objetivo e a responsabilidade de contribuir com a região sul do estado, que apresenta críticos problemas de desenvolvimento socioeconômico, inclusive de acesso à educação básica e à educação superior.

Os baixos índices apontados pelo IDEB, somados ao dever de garantir um ensino de qualidade para todas as etapas da educação, revelam a urgente necessidade de programas como o PIBID que visam à qualificação inicial e continuada de professores, propiciando à sociedade, em geral, um ensino de excelência, menores taxas de evasão e de reprovação escolar, mas, sobretudo, com índices mais elevados de aproveitamento.

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: (IBGE, 2010, 2022).

O subprojeto de língua portuguesa do PIBID atende, nesta edição, duas instituições com características bem peculiares, uma delas é a Escola Municipal Cívico Militar Dr. João Severiano da Fonseca, localizada em uma região periférica da cidade que comporta cerca de 460 alunos, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A outra instituição atendida é do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFsul) cujo *campus* de Bagé integra a fase II do plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, instituída pela lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

O foco das atividades desenvolvidas no Ifsul é o de ofertar uma educação profissional capaz de suprir as demandas regionais e contribuir para a superação dos problemas estruturais da região. Ao todo, são atendidos, por ano, mais de 600 estudantes distribuídos nos dois cursos integrados de Técnico em Agropecuária e Técnico em Informática e nos cursos superiores de Tecnologia e Análise em Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Alimentos e Engenharia Agrônoma. O *campus* tem área própria de 57 hectares, sendo 4.473,41m<sup>2</sup> construídos, em 5 blocos. A unidade conta com uma área administrativa de 2.291,29 m<sup>2</sup>, 1.271,79m<sup>2</sup> de salas de aula e laboratórios de informática, 910,33 m<sup>2</sup> de laboratórios de aula prática, totalizando 2.182,12 m<sup>2</sup> de área de ensino profissional. Possui também biblioteca, auditório, um miniauditório, uma estação de tratamento de efluentes e uma usina fotovoltaica<sup>3</sup>.

## Da teoria para a prática: contribuições da Sociolinguística

É indiscutível que o multilinguismo originário, antes da chegada dos portugueses, em terras brasileiras, seu contato com a língua dos nativos, a mistura com as línguas africanas e com as dos demais imigrantes influenciaram, decisivamente, a formação do português no continente sul-americano que assumiu, ao longo dos séculos, características próprias. Desse modo, o português falado atualmente no Brasil é resultado de uma série de transformações, abrangendo mudanças no uso, na política e no território.

Há mais de meio século, sociolinguistas se debruçam sobre estudos que visam contribuir para o conhecimento e o ensino mais profícuo de nossa língua, tendo em conta sua diversidade, resultante de uma rede complexa tecida pelas inúmeras variedades em convivência no português brasileiro (doravante PB). De acordo com Cyranka (2011, p. 144), a “Sociolinguística, considerando a contraparte social da linguagem, oferece o caminho para o tratamento adequado da heterogeneidade linguística na escola”. A autora afirma, ainda, que essa ciência concebe a variação e a mudança linguísticas como processos naturais motivados por diversas questões que vão desde a identidade dos falantes dentro de seu grupo social até aquelas atreladas à localidade geográfica.

Sobre o tema, Bortoni-Ricardo, pioneira nos estudos da Sociolinguística Educacional, e Freitas, ao tratarem da importância dessa área no espaço escolar tanto por possibilitar o entendimento dos fenômenos sociais ligados à língua, lembram que:

[...] desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas (Bortoni-Ricardo; Freitas, 2009, p. 218).

Com base nos estudos da Sociolinguística, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao reconhecer o fenômeno da variação linguística propõe, dentre outras, como habilidade a ser desenvolvida no componente de Língua Portuguesa:

---

<sup>3</sup> Disponível em: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense (2023).

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (Brasil, 2018, p. 508).

Sendo assim, o trabalho reflexivo com a Sociolinguística, em sala de aula, que leve em conta os fatores sociais e os interacionais inerentes ao uso real da língua, pode contribuir na redução do olhar discriminatório que, ainda hoje, é um fato “concreto e vivido na pele por cidadãos que pertencem a camadas menos privilegiadas socioeconomicamente e cuja linguagem é, muitas vezes, considerada inferior, pobre, de baixo nível, assim como também o é a cultura de quem a emprega” (Oliveira; Cyranka, 2013, p. 77).

Com respaldo nessas discussões, o grupo de bolsistas do PIBID, numa primeira etapa do subprojeto, teve acesso a diversos estudos sobre o tema, sobretudo, a pesquisas sobre as origens do PB (Ilari; Basso, 2014), sobre a variação linguística no território brasileiro (Cardoso *et al.*, 2014), sobre conceitos fundamentais da Sociolinguística (Coelho *et al.* 2015; Taralo, 2004) e, por fim, acerca dos estudos da Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2004, 2005). Por meio desses materiais e de outros estudados durante essa fase, foram realizados vários debates, seminários, socializações e outras atividades dessa natureza, a fim de que eles pudessem se apropriar, dentro das limitações próprias de licenciandos da primeira metade do curso, da teoria necessária que sustentaria, posteriormente, as intervenções em sala de aula.

Concluída essa etapa, os licenciandos realizaram uma pesquisa sociolinguística com os estudantes das escolas atendidas, com a finalidade de conhecer, de forma mais aprofundada, algumas características sociais destes e, a partir disso, desenvolver atividades, estratégias metodológicas e materiais didáticos alinhados às reais necessidades da turma. Para tanto, os pibidianos, com o auxílio das supervisoras e da coordenadora, elaboraram um questionário (anexo 1), contendo trinta 30 perguntas que versam, de um lado, sobre questões sociais como: idade, naturalidade; residência (zona rural ou urbana); número de integrantes e escolaridade dos membros do núcleo familiar e a frequência de viagens a outros estados/regiões e assim por diante. De outro lado, com questões que tratam da dinâmica com o estudo da língua portuguesa, tais como: auxílio dos responsáveis nas atividades escolares; frequência de leitura; o meio de acesso mais utilizado para os estudos; a importância do componente de língua portuguesa e sobre os conteúdos mais e os menos preferidos, dentre outras.

Os questionários foram preenchidos, pelos alunos, via plataforma *Google Forms*. Finalizada essa etapa, os bolsistas realizaram o levantamento quantitativo e a análise qualitativa dos resultados, alguns dos quais passamos a apresentar e discutir na próxima seção.

## Recorte da pesquisa

O *corpus* analisado é constituído por 48 questionários coletados, via plataforma *Google Forms*, entre alunos de 15 a 18 anos, do 1º ano do Ensino Médio, no IFsul. Para fins de organização e clareza explanatória, dividimos esta seção em dois apartados que trazem a análise e a discussão das questões que se mostraram mais relevantes e que contribuíram para o posterior desenvolvimento das atividades: o primeiro traz o recorte dos resultados que dizem respeito ao perfil social dos alunos bem como algumas questões relacionadas aos seus hábitos escolares; o segundo apresenta o recorte das perguntas específicas sobre a língua portuguesa que envolvem, também, aspectos concernentes à variação linguística.

## Recorte pesquisa: características sociais dos alunos

Para esta discussão selecionamos as seguintes perguntas: 1. *Em qual cidade você nasceu?*; *Você costuma viajar?*; 6. *Responsável 1 (grau de parentesco)*; 8. *Qual o nível de escolaridade do responsável 1?*; 9. *Responsável 2 (grau de parentesco)*; 11. *Qual o nível de escolaridade do responsável 2?*; 12. *Seus responsáveis te ajudam nas atividades escolares?* 13. *Você tem acesso à internet na sua casa?*; 14. *Você possui celular?*; 16. *Você possui computador/notebook, na sua casa?*; 17. *Para fazer os trabalhos escolares, você utiliza...*; 19. *Você sempre estudou em escola pública?* 20. *Você já reprovou de ano?*; 21. *Você costuma ler fora da escola?* E 23. *Em qual formato você costuma ler?*

Sobre as características sociais dos alunos, verificamos que todos são nascidos no estado do Rio Grande do Sul, 84% em Bagé, e os demais (16%) em outras cidades gaúchas, sendo Porto Alegre, a capital, a mais distante das citadas na pesquisa; 74% deles sempre estudaram em escola pública e 20% já reprovaram de ano em algum momento de sua vida escolar; 55% afirmaram que tem o costume de viajar, mas somente para cidades dentro do próprio estado; 23% responderam que viajam, também, para outras regiões e 22% que não costumam fazer viagens.

Para as perguntas que indagavam sobre quem era o *responsável 1* e o *responsável 2*, obtivemos os seguintes resultados: 80% indicaram a mãe como *responsável 1*; 19% o pai e 1% não respondeu; já, para o *responsável 2*, 65% informaram ser o pai; 25% a mãe; 6% outros membros da família, como avó, tia e padrasto e 4% responderam que não tinham um segundo responsável. Quanto ao nível de escolaridade desses responsáveis, o amálgama dos resultados indica o seguinte: em relação ao *responsável 1*, cujas respostas foram, em sua maioria, direcionadas para a mãe, verificamos que 43% possuem o Ensino Médio; 41% o Ensino Superior e 16% o Ensino Fundamental; já, para o *responsável 2*, respectivamente temos os percentuais de 39%, 37% e 24%.

Por fim, no que tange às questões relativas às atividades escolares e às ferramentas utilizadas para tanto, constatamos que: 55% recebem ajuda dos responsáveis para a realização e 45% recebem raramente ou nunca; 96% afirmaram ter internet em casa e destes 76% a utilizam como forma exclusiva para fazer suas atividades, a outra parte, 24%, afirmou utilizar tanto essa ferramenta quanto livros; todos responderam que possuem aparelho de celular e 84% têm um computador/notebook. Para as perguntas atinentes ao acesso a livros e ao hábito da leitura, 57% afirmaram ler fora do ambiente escolar; 29% fazem isso raramente e 14% nunca o fazem. Mais da metade, ou seja, 63% disseram utilizar formatos digitais para a leitura e 38% livros físicos.

Em suma, o recorte apresentado revela que os alunos atendidos pelo PIBID, no IFsul, são, em sua maioria, falantes da variedade bajeense da língua portuguesa e que costumam ter pouco contato - ao menos físico - com outras culturas, conforme indicam as respostas relacionadas à questão sobre o hábito de viajar. Além disso, verificamos que, em geral, esses discentes têm em suas mães o papel de principal responsável e que menos da metade destas possui o Ensino Superior. Os dados indicaram, ainda, como já era esperado, que o uso das ferramentas e dos meios digitais é sobrepujante em relação aos meios físicos e que a leitura é um hábito presente de forma razoável na vida dos discentes.

Com base nesses resultados, foi constatada a necessidade de um trabalho que oportunizasse momentos de conhecimento sobre as demais variedades do PB atrelado a espaços constantes de leituras. Ademais, verificamos que tais atividades demandariam um acompanhamento mais estreito, dado o fato de quase metade dos alunos não receber ajuda em casa com as atividades escolares, o que pode estar ligado à baixa escolaridade da maior parte dos responsáveis.

## Recorte da pesquisa: questões relativas ao componente de língua portuguesa

Da mesma forma, neste apartado, selecionamos algumas questões que se mostraram relevantes para a consecução dos objetivos propostos pelo subprojeto, são elas: 25. *Você acha importante estudar a Língua Portuguesa? Explique um pouco independentemente da sua resposta;* 26. *Você gosta de estudar Língua Portuguesa?;* 27. *Quando você pensa em Língua Portuguesa, qual o primeiro conteúdo que vem à sua cabeça?;* 28. *De que você mais gosta de estudar na matéria de língua portuguesa?;* 29. *Você acha que sua fala está mais próxima da norma padrão ou da coloquial? Explique sua resposta?;* 30. *Você já teve contato com "sotaques" diferentes do seu? Se sim, com qual? O que mais chamou a sua atenção?*

Quanto à primeira pergunta, todos os alunos afirmaram que é importante estudar a língua portuguesa e, ao explicarem as respostas, relacionaram o estudo do componente curricular à capacidade de comunicação e expressão clara de ideias, ao fato de ser a língua falada por eles e, também, à noção estereotipada de certo *versus* errado. É o que comprovam, respectivamente, os excertos de 1 a 7:

Excerto 1: *Sim, mesmo que de forma superficial, para ter um entendimento suficiente para a comunicação em diversos contextos.*

Excerto 2: *Acho que sim, afinal estamos no Brasil, é essencial conhecermos bem a nossa língua natal, fora que é muito importante na hora de fazer concursos saber bem o português, porque são questões que são bastante pedidas.*

Excerto 3: *Acho importante pois mesmo sendo brasileiros e falarmos português, temos que falar corretamente e saber as regras da língua portuguesa.*

Excerto 4: *Acho sim, porque precisamos saber mais sobre o português, para não falar errado.*

Excerto 5: *Nós usamos o português desde sempre, então eu acho importante estudá-lo.*

Excerto 6: *Sim! Estudar a Língua Portuguesa nos ajuda a falar e escrever melhor, a entender o que os outros dizem e a expressar ideias de forma clara. A língua é uma parte importante da nossa cultura e aprender mais sobre ela nos torna melhores comunicadores. É uma habilidade valiosa que usamos em tudo, na escola, no trabalho e na vida em geral.*

Excerto 7: *Acho, pois assim melhor nos comunicaremos, e mostraremos mais conhecimento em situações formais, além de poder ler textos mais complexos.*

As respostas apontam para uma compreensão limitada e pouco crítica da língua, embora os alunos tenham sido unânimes ao indicar a importância de estudá-la. Podemos inferir, a partir desses resultados, que a concepção dominante é pautada na prescrição da gramática normativa que, não raramente, é tomada como a língua em si. Nesse sentido, os trabalhos que desenvolvemos, ao longo do programa, orientaram-se sempre na ideia de que:

[...] ensinar gramática normativa não é ensinar a falar, não é ensinar a ler, nem é ensinar a escrever. É ensinar conhecimento linguístico consciente de língua(s) materna(s) e de aspectos de uma ou mais segundas línguas. Tendo em vista que a ampliação de conhecimentos é um fato sempre positivo, o ensino de gramática se reveste de especial interesse. Todavia, é deveras pernicioso a confusão que se faz entre o ensino de gramática normativa e a língua de um povo. O grande conflito que se estabelece na mente das pessoas, dos alunos, em especial, é que, na maioria das vezes, se ensina gramática normativa na suposição de estar ensinando língua materna. Pesquisa linguística e ensino de gramática

normativa devem, portanto, caminhar lado a lado para que mudanças de atitude no ensino possam efetivamente ocorrer (Scherre, 2012, p. 221).

Ao serem questionados se gostavam de estudar língua portuguesa, obtivemos 45% de respostas positivas; 30% de negativas e 25% dos alunos responderam ser indiferentes. Esses resultados, quando relacionados àqueles obtidos com a pergunta anterior, revelam que, apesar de todos afirmarem a importância do estudo da língua, um número considerável de estudantes manifestou não gostar ou ser indiferente à matéria, o que pode estar relacionado ao sentimento de não pertencimento à própria língua, haja vista que, em muitas situações, a variedade linguística dos alunos não é levada em consideração.

Quando indagados sobre *o primeiro conteúdo que vem à cabeça, ao pensarem na disciplina de língua portuguesa*, 70% dos alunos mencionaram a gramática; 25% a leitura e interpretação de textos e 5% os gêneros textuais. Tais resultados, levam a inferir, mais uma vez, que a concepção gramatical da língua é sobrepujante aos demais aspectos. Além disso, cabe destacar a noção equivocada que os entrevistados parecem ter do que é texto, haja vista que separam em modalidades diferentes a leitura e a interpretação dos gêneros. Isso fica mais evidente ainda ao analisarmos os dados da questão 29, pois, ao serem questionados sobre o que mais *gostam de estudar em língua portuguesa*, obtivemos uma série de respostas, a saber: 30% para *gramática*; 28% para interpretação de texto; 10% para *gênero textual*; 13% para *literatura*; 5% para *produção textual*; 8% para *figuras de linguagem*; 3% para *história da língua portuguesa* e 3% para *variação linguística*. Como mencionado, esses resultados indicam um conhecimento modularizado que os estudantes fazem de elementos que deveriam caminhar lado a lado, especificamente, aqueles que tangem à leitura e produção textual.

No que diz respeito à percepção social, 38% dos alunos afirmaram que sua fala está mais próxima da norma padrão; 41% da norma coloquial e 21% responderam que depende da situação. Nesta parte da pesquisa, os resultados indicam, possivelmente, que os alunos não têm clareza quanto às concepções de norma e de seus desdobramentos, o que pode ser verificado no excerto 8: *Eu acho que minha fala está mais próxima da forma padrão do português, dado pelo que não costumo me envolver em contextos que necessitem de uma fala coloquial com frequência*. Sobre o assunto, Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 11) destacam que:

[...] da polissemia do termo *norma*, convém estabelecer duas concepções gerais: uma do nível da idealização do que configuraria um modelo para determinado grupo de usuários da língua (*norma idealizada, abstrata, subjetiva*); e outra do nível de concretização, dos usos mais produtivamente preferidos em determinada comunidade de fala (*norma de uso, concreta, objetiva*).

Por fim, ao responderem à questão 31 (*Você já teve contato com "sotaques" diferentes do seu? Se sim, com qual? O que mais chamou a sua atenção?*), a maioria (87%) afirma que já teve contato com variedades distintas das suas e 13% que não. Os excertos de 9 a 14 trazem exemplos das respostas obtidas:

Excerto 9: *Principalmente de Pernambuco, mas graças a internet já tive contato com praticamente todos sotaques daqui do Brasil e fora também, o que mais me chama atenção é o nordestino, acho um sotaque lindo. E o que mais me chama atenção no sotaque deles é principalmente as gírias que eu não vi tantas em outros sotaques/lugares do Brasil.*

Excerto 10: *Carioca, o jeito de falar, por exemplo, vocês é vocêix.*

Excerto 11: *Sim, já tive contato com sotaques diferentes do meu, na quinta série com o sotaque mineiro de um colega. O que mais chamou minha atenção foi quando esse colega*

*falou que éramos nós que falávamos diferente, já que ele percebia o sotaque diferente na nossa fala. Foi interessante notar como as variações linguísticas podem ser percebidas de maneira distinta por diferentes pessoas.*

Excerto 12: *Sim, na internet principalmente a gente tem acesso a todos eles praticamente. O que mais chamou minha atenção foi o português do interior da África, também chamado de crioulo, pois tive dificuldade de entender mesmo sendo português.*

Excerto 13: *Sim, o Nordestino. O fato deles ignorarem certas letras da palavra e trocarem certas letras existentes pra letras com sons semelhantes e mais fáceis de pronunciar. Exemplo: minin(menino).*

Excerto 14: *Nunca cheguei a ter contato com sotaques de outras regiões do país.*

A questão 31, embora revele que a maioria dos alunos já teve contato com outros sotaques<sup>4</sup>, quando associada ao fato de não terem o hábito de viajar, principalmente, para fora do estado, conforme apresentado na discussão de suas características sociais, leva a conjectura de que tal contato é, sobretudo, mediado pelas mídias televisivas e pela internet, espaços nos quais, não raramente, as variedades linguísticas são apresentadas sob formas de estereótipos que nada contribuem para o conhecimento real da língua e, pior, endossam o preconceito linguístico que, muitas vezes, é manifestado de forma camuflada, o que pode ser deduzido no uso do verbo *ignorar* oferecido pelo excerto 13.

Os dados fornecidos por essas questões auxiliaram, significativamente, o trabalho com a variação e com o preconceito linguístico, durante o programa. Com o objetivo de contribuir nesses aspectos, por exemplo, os PIBIDianos apresentaram e analisaram, em conjunto com os alunos do IFsul, cartas linguísticas do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso, *et al.*, 2014), e tiveram, portanto, a possibilidade de conhecer, com base em um estudo científico, a pluralidade linguística do país, além de outras atividades lúdicas como *batalha naval da variação* e *bingo*. Já, para o trabalho com o preconceito linguístico, cartazes, artigo de opinião e diversas discussões foram realizadas.

## **Algumas conclusões**

Como procuramos demonstrar ao longo deste artigo, a pesquisa e as atividades desenvolvidas pelo grupo do PIBID em pauta, resultaram em contribuições para todos os envolvidos, pois os licenciandos tiveram a oportunidade de: aprofundar seus conhecimentos sobre a língua; serem inseridos na pesquisa científica e em todas as etapas inerentes a ela; conhecer, refletir, desenvolver e aplicar atividades com base em necessidades reais. Conforme apresentado, os resultados da pesquisa contribuíram, significativamente, na elaboração das atividades que, posteriormente, foram aplicadas durante as intervenções.

Os alunos da educação básica, por sua vez, foram envolvidos em várias atividades cujo objetivo era o de ampliar o conhecimento que tinham da língua materna, alinhadas às questões que se mostraram relevantes por meio da pesquisa. Dessa forma, foi desenvolvido, ao longo do projeto, atividades mobilizadoras de várias habilidades e competências linguísticas em situações reais de uso, tais como o trabalho com os gêneros textuais e-mail, fanzine, mapa mental, biografia, poema, resumo, seminário, dentre outros. Além é claro, de aulas expositivas com a finalidade de esclarecer alguns conceitos que se mostraram imperativos durante o percurso, sobretudo aqueles

---

<sup>4</sup> Adotamos o termo *sotaques* para facilitar a compreensão dos alunos do Ensino Médio, pois partimos do pressuposto de que nem todos estariam habituados com os conceitos de dialeto, subdialeto, variantes, ou seja, termos mais específicos da área da Dialetologia e da Sociolinguística.

ligados à(s) norma(s), à variação, à adequação linguísticas e às variantes padrão e não padrão.

Frisamos que todo o trabalho desenvolvido, durante o programa, partiu da premissa de que é fundamental desenvolver entre os alunos o conhecimento e o respeito “sobre a diversidade linguística existente no português brasileiro, incluído padrões variáveis relacionados a normas linguísticas distintas, matizadas por diferentes regiões geográficas, papéis sociais, modalidades, registros, gêneros e sequências textuais, entre outros” (Martins; Vieira; Tavares, 2014, p. 33).

Em suma, os estudantes da educação básica atendidos pelo PIBID tiveram a oportunidade de estar em contato com métodos inovadores e materiais didáticos atualizados, o que acarretou num maior envolvimento e interesse pelas aulas de língua portuguesa. Além disso, acreditamos que a interação com os integrantes do programa pode, inclusive, inspirar esses alunos à carreira docente. Dessa forma, não parece ser pretensioso afirmar que o programa impacta, concomitantemente, o presente e semeia perspectivas promissoras para o futuro, tanto dos alunos quanto da sociedade como um todo.

## **ANEXOS**

### Anexo 1 - Questionário da pesquisa

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa sociolinguística. Ao responder as perguntas abaixo, estará de acordo em fornecer dados que serão utilizados somente como objeto de estudo. O presente questionário é constituído por 30 questões, sendo 15 dissertativas e 15 alternativas. Estima-se que você precisará de aproximadamente 30 minutos para respondê-lo. O presente questionário tem por objetivo conhecer a realidade social e linguística dos alunos participantes do PIBID (2022-2024). A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa. Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

1. Qual a sua idade?

2. Em qual cidade você nasceu?

3. Onde você mora? ( ) Cidade (zona urbana) ( ) Campanha (zona rural)

4. Você costuma viajar?

( ) Sim, apenas para cidades dentro do estado.

( ) Sim, para cidades fora do estado.

( ) Sim, para cidades dentro e fora do estado.

( ) Não costumo viajar.

5. Quais pessoas constituem seu grupo familiar? (todas as pessoas que moram com você.)

6. Responsável 1 (grau de parentesco):
7. Qual a idade do responsável 1?
8. Qual o nível de escolaridade do responsável 1?
- Ensino fundamental completo
  - Ensino fundamental incompleto
  - Ensino médio completo
  - Ensino médio incompleto
  - Ensino superior completo
  - Ensino superior incompleto
9. Responsável 2 (grau de parentesco):
10. Qual a idade do responsável 2?
11. Qual o nível de escolaridade do responsável 2?
- Ensino fundamental completo
  - Ensino fundamental incompleto
  - Ensino médio completo
  - Ensino médio incompleto
  - Ensino superior completo
  - Ensino superior incompleto
12. Seus responsáveis te ajudam nas atividades escolares?
- Sim, sempre
  - Sim, com frequência.
  - Sim, às vezes
  - Raramente
  - Nunca
13. Você tem acesso à internet na sua casa?
- Sim, internet via cabo
  - Sim, internet via rádio.
  - Sim, internet móvel (3G).
  - Não.
14. Você possui celular?
- Sim, mas sem acesso à internet.

Sim, mas com acesso à internet.

Não.

15. Se sim, você divide com algum membro da sua família?

16. Você possui computador/notebook, na sua casa?

Sim, mas sem acesso à internet.

Sim, mas com acesso à internet.

Não.

17. Para fazer os trabalhos escolares, você utiliza:

Internet

Livros

Livros e internet

18. Quando você está na internet, o que mais gosta de fazer?

19. Você sempre estudou em escola pública?  Sim  Não

20. Você já reprovou de ano?  Sim  Não

21. Você costuma ler fora da escola?

Sim, sempre.

Sim, com frequência.

Sim, às vezes.

Raramente

Nunca

22. Se sim, o que você costuma ler? Qual gênero você mais gosta?

23. Em qual formato você costuma ler?

Livros físicos

Livros digitais (E-books, PDF)

24. Você costuma comprar livros?

- Sim, sempre
- Sim, com frequência
- Sim, às vezes
- Raramente
- Nunca

25. Você acha importante estudar a Língua Portuguesa? Explique um pouco, independentemente, da sua resposta.

26. Você gosta de estudar Língua Portuguesa?

- Sim
- Não
- Indiferente

27. Quando você pensa na disciplina de Língua Portuguesa, qual o primeiro conteúdo que vem à sua cabeça?

28. Do que você MAIS gosta de estudar na matéria de Língua Portuguesa? E do que você MENOS gosta de estudar na disciplina de Língua Portuguesa?

29. Você acha que a sua fala está mais próxima da norma padrão ou da coloquial. Explique um pouco sua resposta.

30. Você já teve contato com "sotaque (s)" diferentes do seu? Se sim, com qual (is)? O que mais chamou a sua atenção?

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Sociolinguística Educacional. *In*: HORA, Demerval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucilene C. (org.). *Abralin: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p. 217-240.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.
- CARDOSO, Suzana Alice M. S.; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci A.; ARAGÃO, Maria S. Silva de; ISQUERDO, Aparecida N.; RAZKY, Abdelhak; MARGOTTI, Felício W. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 2, Cartas linguísticas 1.
- COELHO, Izete L.; GORSKI, Edair; SOUZA, Christiane M. Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. *Dos dialetos populares à variedade culta: a sociolinguística na escola*. Curitiba: Appris, 2011.
- IBGE. Brasil. Rio Grande do Sul. Bagé. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- IBGE. Brasil. Rio Grande do Sul. Bagé. *Censo 2010*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/pesquisa/23/26170>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL RIO GRANDENSE. Campus - Bagé. Disponível em: <https://www.bage.ifsul.edu.br/instituto>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (org.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-36.
- OLIVEIRA, Luís Carlos de Oliveira; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. *Soletras*, São Gonçalo, RJ, n. 26, p. 75-90, 2. sem. jul./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2013.7392>
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. A norma do imperativo e o imperativo da norma. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 197-224.
- TARALO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.